



**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA ALFABETIZAÇÃO: ESTRATÉGIAS
FÔNICAS PARA ESTUDANTES COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO 1º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**INCLUSIVE PEDAGOGICAL PRACTICES IN LITERACY EDUCATION: PHONICS-
BASED STRATEGIES FOR STUDENTS WITH LEARNING DIFFICULTIES IN THE
FIRST YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL**

Tatiane Fernanda de Souza Gomes Pimenta¹

Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: Este artigo analisou as contribuições das práticas pedagógicas inclusivas e das estratégias fônicas para a alfabetização de estudantes com dificuldades de aprendizagem no 1º ano do Ensino Fundamental. O estudo partiu da compreensão de que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorre de maneiras e em ritmos diferentes, exigindo intervenções planejadas, flexíveis e sensíveis às necessidades de cada criança. Metodologicamente, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico e análise documental. O referencial teórico abordou a alfabetização inclusiva, a consciência fonológica, as relações entre fonemas e grafemas, a ludicidade, a diversificação dos recursos pedagógicos e o acompanhamento contínuo da aprendizagem. Os resultados indicaram que jogos sonoros, letras móveis, imagens, músicas, parlendas, materiais concretos e atividades contextualizadas podem favorecer a compreensão do sistema alfabético. Também se verificou que as estratégias fônicas apresentam limitações quando utilizadas de forma mecânica, repetitiva ou isolada. Concluiu-se que essas práticas devem estar articuladas à leitura, à escrita, à oralidade e ao letramento, garantindo experiências significativas e oportunidades reais de aprendizagem para todos os estudantes.

Palavras-chave: Alfabetização inclusiva. Estratégias fônicas. Consciência fonológica. Dificuldades de aprendizagem. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This article analyzed the contributions of inclusive pedagogical practices and phonics-based strategies to the literacy development of students with learning difficulties in the first year of Elementary School. The study was based on the understanding that learning to read and write occurs in different ways and at different paces, requiring planned, flexible interventions that are sensitive to each child's needs. Methodologically, a qualitative, exploratory, and descriptive study was conducted through a bibliographic review and documentary analysis. The theoretical framework addressed inclusive literacy, phonological awareness, phoneme-grapheme relationships, playfulness, the diversification of pedagogical resources, and continuous monitoring of learning. The results indicated that sound-based games, movable letters, images, songs, traditional rhymes, concrete materials, and contextualized activities can contribute to the understanding of the alphabetic writing system. It was also found that phonics-based strategies have limitations when used mechanically, repetitively, or in isolation. It was concluded that these practices should be integrated with reading, writing, oral

¹ Mestranda em Ciências da Educação, Christian Business School

² Ph.D.Doutora em Ciências da Educação, professora orientadora da Christian Business School-CBS, rozineide.pereira1975@gmail.com.



language, and literacy practices, ensuring meaningful experiences and genuine learning opportunities for all students.

Keywords: Inclusive literacy. Phonics-based strategies. Phonological awareness. Learning difficulties. Pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

A alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental representa um momento essencial para a formação escolar da criança, pois envolve a compreensão do sistema de escrita alfabética e o desenvolvimento das primeiras habilidades de leitura e produção escrita. Conforme orienta Brasil (2018), a alfabetização deve ocupar uma posição central nos anos iniciais, contemplando tanto a apropriação das relações entre fonemas e grafemas quanto a participação dos estudantes em situações significativas de leitura, oralidade e escrita. Nesse período, entretanto, as crianças apresentam conhecimentos prévios, ritmos e formas de aprendizagem diferentes, exigindo que o professor organize práticas capazes de acolher a diversidade existente na turma.

As dificuldades de aprendizagem podem manifestar-se por meio da demora no reconhecimento das letras, da dificuldade para perceber os sons que formam as palavras, da pouca autonomia na leitura ou da insegurança para registrar ideias por escrito. Essas dificuldades não significam ausência de capacidade, nem devem levar à redução das expectativas de aprendizagem. Ao investigarem crianças do 1º ano, Barbosa, Medeiros e Vale (2016) identificaram uma relação significativa entre consciência fonológica, conhecimento das letras e desenvolvimento da escrita. Esse resultado reforça a importância de realizar intervenções pedagógicas desde os primeiros sinais de dificuldade, sem esperar que as defasagens se ampliem ao longo da escolarização.

Nesse contexto, as estratégias fônicas podem colaborar com a alfabetização ao favorecerem a percepção dos segmentos sonoros da fala e a compreensão de como esses sons são representados pelas letras. Segundo Lopes (2004), a consciência fonológica envolve diferentes habilidades, como reconhecer rimas, separar palavras em sílabas e identificar ou manipular fonemas. O trabalho pedagógico pode incluir jogos sonoros, comparação de palavras, identificação de sons iniciais e finais, uso de letras móveis, cantigas, parlendas e formação de palavras, aproximando a reflexão fonológica das experiências infantis.

Os resultados apresentados por Justino e Barrera (2012) demonstraram efeitos positivos de uma intervenção que associou a abordagem fônica ao desenvolvimento da consciência fonológica entre estudantes com dificuldades de alfabetização. Entretanto, a utilização dessas estratégias não deve transformar o ensino em repetição mecânica de fonemas, sílabas e palavras descontextualizadas. Aragão e Moraes (2020) observaram que estudantes ensinados por um método fônico apresentaram desempenhos limitados em várias tarefas de consciência fonêmica, indicando que o treino sistemático não garante, isoladamente, o domínio de todas as habilidades envolvidas na alfabetização.

Uma prática pedagógica inclusiva precisa integrar a instrução fônica às situações de leitura, produção textual, comunicação, brincadeira e interação entre os estudantes. As diretrizes apresentadas por Sebastián-Heredero (2020) sobre o Desenho Universal para a Aprendizagem defendem a oferta de diferentes formas de envolvimento, apresentação das informações e expressão dos conhecimentos. Dessa maneira, as estratégias fônicas podem ser desenvolvidas com imagens, gestos, materiais concretos, recursos digitais, atividades coletivas e diferentes níveis de apoio, beneficiando crianças que necessitam de maior repetição, mediação ou tempo para consolidar as aprendizagens.

A realização deste estudo justifica-se pela necessidade de discutir práticas que auxiliem os professores a atender estudantes com dificuldades de aprendizagem sem separá-los das experiências desenvolvidas com a turma. Diante disso, definiu-se como problema de pesquisa: **de que maneira as estratégias fônicas podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas inclusivas voltadas aos estudantes com dificuldades de aprendizagem no 1º ano do Ensino Fundamental?** O objetivo geral consiste em **analisar as contribuições das estratégias fônicas para a alfabetização inclusiva desses estudantes**. Como objetivos específicos, busca-se compreender a relação entre consciência fonológica e aprendizagem da escrita; identificar estratégias fônicas acessíveis e contextualizadas; discutir os limites de práticas centradas exclusivamente na repetição de sons; e refletir sobre a integração entre ensino explícito, ludicidade, leitura, produção escrita e acompanhamento individualizado.

METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, uma vez que buscou compreender e interpretar as contribuições das práticas pedagógicas inclusivas e das estratégias fônicas para a alfabetização de estudantes com dificuldades de



aprendizagem. Segundo Minayo (2014), a abordagem qualitativa permite analisar sentidos, relações e processos que não podem ser explicados apenas por dados numéricos. Dessa forma, o interesse da pesquisa concentrou-se nas possibilidades pedagógicas, nos limites das intervenções e nas condições necessárias para atender à diversidade presente no 1º ano do Ensino Fundamental.

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracterizou-se como exploratória e descritiva. Conforme Gil (2022), o estudo exploratório favorece uma aproximação mais aprofundada com o problema investigado, enquanto a dimensão descritiva possibilita apresentar as principais características do fenômeno analisado. Em relação aos procedimentos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental, considerando artigos científicos, livros, dissertações, teses e documentos educacionais relacionados à alfabetização, à consciência fonológica, às dificuldades de aprendizagem e às práticas inclusivas.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases como a Scientific Electronic Library Online, o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e o Google Acadêmico. Foram empregados os descritores “alfabetização inclusiva”, “estratégias fônicas”, “consciência fonológica”, “dificuldades de aprendizagem”, “práticas pedagógicas inclusivas” e “1º ano do Ensino Fundamental”, utilizados de maneira isolada e combinada. Na pesquisa documental, analisou-se especialmente a Base Nacional Comum Curricular, que inclui a identificação de fonemas e sua representação por letras entre as habilidades relacionadas à alfabetização.

Como critérios de inclusão, foram selecionadas publicações disponíveis integralmente, relacionadas diretamente ao objeto investigado e publicadas preferencialmente entre 2015 e 2026. Estudos anteriores foram incluídos quando apresentaram contribuições fundamentais para a compreensão da consciência fonológica e das intervenções fônicas. Foram excluídos trabalhos duplicados, textos sem identificação de autoria, materiais exclusivamente opinativos e publicações que abordavam dificuldades de aprendizagem sem estabelecer relação com a alfabetização, a leitura ou a escrita nos anos iniciais.

Após a seleção, os materiais foram submetidos às etapas de leitura exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. Os achados foram organizados nas categorias: consciência fonológica e apropriação do sistema alfabético; estratégias fônicas e dificuldades de aprendizagem; práticas lúdicas e recursos acessíveis; limites do ensino fônico descontextualizado; e acompanhamento pedagógico inclusivo. Por se tratar de



pesquisa bibliográfica e documental, não houve participação direta de estudantes ou professores, sendo respeitados os princípios éticos relacionados ao reconhecimento das autorias, à fidelidade das informações e à utilização responsável das fontes acadêmicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ALFABETIZAÇÃO INCLUSIVA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO 1º ANO

A alfabetização constitui um processo fundamental na formação da criança, pois amplia sua autonomia, sua participação social e suas possibilidades de acesso aos conhecimentos produzidos historicamente. No 1º ano do Ensino Fundamental, esse processo precisa considerar que os estudantes chegam à escola com experiências muito diferentes em relação às letras, aos livros, à oralidade e às práticas de escrita. Algumas crianças já reconhecem palavras e estabelecem relações entre letras e sons, enquanto outras necessitam de mediações mais frequentes para compreender o funcionamento do sistema alfabético.

Ao orientar a organização dessa etapa, Brasil (2018, p. 60) estabelece que, “nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização”. O mesmo documento esclarece que a apropriação do sistema de escrita precisa ocorrer de forma articulada ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita e à participação em práticas diversificadas de letramento. Assim, alfabetizar não significa apenas ensinar códigos, letras ou sílabas, mas inserir a criança em experiências nas quais a linguagem escrita apresente sentido e finalidade.

A perspectiva inclusiva reconhece que a turma não é formada por estudantes que aprendem da mesma forma ou no mesmo ritmo. As dificuldades encontradas no início da alfabetização podem estar relacionadas a diferentes fatores, como pouca familiaridade com a escrita, ausência escolar, condições sociais, barreiras pedagógicas, dificuldades de linguagem ou necessidade de maior tempo para consolidar determinadas habilidades. Por isso, uma criança que ainda não acompanha o ritmo esperado não deve ser imediatamente considerada incapaz ou desinteressada, pois seu desempenho precisa ser compreendido dentro de sua trajetória e das oportunidades de aprendizagem que lhe foram oferecidas.

Barbosa, Medeiros e Vale (2016) identificaram relações significativas entre o conhecimento das letras, a consciência fonológica e os níveis de escrita apresentados por crianças do 1º ano. No início da pesquisa, as duas primeiras habilidades explicaram aproximadamente 70,6% da variação observada no desenvolvimento da escrita. Esses



resultados reforçam a necessidade de o professor acompanhar desde cedo como cada estudante reconhece letras, percebe os sons das palavras e utiliza esses conhecimentos em suas tentativas de escrita.

Apesar dessa relação, as dificuldades de alfabetização não podem ser explicadas por um único aspecto. Uma criança pode apresentar bom reconhecimento das letras, mas ter dificuldade para compreender textos; outra pode participar oralmente das atividades, mas sentir insegurança ao escrever; há ainda estudantes que necessitam de recursos visuais, materiais concretos, repetição ou atividades organizadas em pequenas etapas. Desse modo, a avaliação inicial precisa observar diferentes dimensões da aprendizagem e evitar que o desempenho em uma tarefa isolada determine todas as decisões pedagógicas.

A alfabetização inclusiva exige, portanto, intervenções que mantenham objetivos comuns para a turma, mas ofereçam diferentes caminhos para alcançá-los. O estudante com dificuldade não deve permanecer realizando tarefas simplificadas e desconectadas das experiências dos colegas. Ele pode participar do mesmo tema, história, jogo ou produção escrita, recebendo os apoios necessários para compreender e realizar a atividade. Essa organização preserva o direito ao conhecimento, fortalece o sentimento de pertencimento e impede que a diferença seja transformada em exclusão dentro da própria sala de aula.

3.2 CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E ESTRATÉGIAS FÔNICAS NA ALFABETIZAÇÃO

A consciência fonológica refere-se à capacidade de perceber que a fala pode ser analisada em unidades menores, como palavras, sílabas, rimas e fonemas. Essa habilidade se desenvolve gradualmente e pode ser estimulada por meio de atividades orais, jogos, músicas, parlendas, comparações de palavras e desafios sonoros. Segundo Lopes (2004, p. 241), a consciência fonológica envolve “a consciência de que a fala pode ser segmentada” e a possibilidade de manipular intencionalmente esses segmentos. Trata-se, portanto, de uma reflexão sobre a estrutura sonora da língua, e não apenas da repetição de letras ou sílabas.

A consciência fonêmica representa um nível mais específico desse desenvolvimento e envolve a identificação e a manipulação dos fonemas. Essa tarefa tende a ser mais complexa porque, durante a fala, os sons são produzidos de maneira articulada e nem sempre são percebidos separadamente pela criança. Atividades de combinação, retirada,



substituição e comparação de sons podem contribuir para tornar essas unidades mais perceptíveis, principalmente quando o estudante encontra dificuldades para compreender como as letras representam os sons presentes nas palavras.

As estratégias fônicas baseiam-se no ensino explícito das correspondências entre fonemas e grafemas. O professor apresenta essas relações de forma planejada, possibilitando que a criança utilize o conhecimento dos sons para ler e escrever palavras. Esse trabalho pode começar com relações mais regulares, avançando gradualmente para estruturas mais complexas. Entretanto, a sequência precisa ser ajustada às respostas dos estudantes, evitando a apresentação acelerada de várias correspondências antes que as anteriores tenham sido compreendidas.

A Base Nacional Comum Curricular inclui essas relações entre as aprendizagens previstas para o 1º ano. Brasil (2018, p. 100) determina como habilidade a ser desenvolvida “identificar fonemas e sua representação por letras”. Em continuidade, o documento também orienta que o estudante relacione sílabas, fonemas e partes das palavras às suas representações escritas. Essas habilidades demonstram a importância da dimensão fônica na alfabetização, mas aparecem integradas a práticas de leitura, oralidade, produção textual e formação do leitor.

Justino e Barrera (2012) analisaram uma intervenção que combinou a abordagem fônica ao desenvolvimento da consciência fonológica com estudantes que apresentavam dificuldades de alfabetização. Após as atividades, o grupo participante apresentou avanços em habilidades de consciência fonológica, leitura e escrita, indicando que o ensino explícito pode oferecer contribuições importantes para crianças que ainda não compreenderam plenamente o princípio alfabético. Os resultados também evidenciam a necessidade de intervenções sistemáticas e acompanhadas, e não apenas de exercícios realizados ocasionalmente.

As estratégias fônicas podem incluir a identificação dos sons iniciais e finais, a comparação de palavras, a formação de novas palavras pela troca de fonemas, o uso de letras móveis e a leitura de palavras relacionadas a textos conhecidos. O professor também pode trabalhar com os nomes das crianças, personagens de histórias, objetos da sala, cantigas e parlendas. Essas escolhas aproximam a reflexão sonora do cotidiano infantil e evitam que o ensino seja reduzido a listas de sílabas sem significado ou a repetições que pouco dialogam com as experiências da turma.

3.3 PRÁTICAS INCLUSIVAS, LUDICIDADE E DIVERSIFICAÇÃO DAS INTERVENÇÕES

A utilização de estratégias fônicas em uma perspectiva inclusiva exige que o professor observe as necessidades reais dos estudantes. Nem todas as crianças apresentam as mesmas dificuldades, ainda que estejam no mesmo nível de escolaridade. Para algumas, pode ser necessário intensificar o trabalho com rimas e sílabas; para outras, o desafio está na identificação dos fonemas ou na associação entre sons e letras. A intervenção torna-se mais adequada quando parte de uma avaliação pedagógica cuidadosa, com registros que permitam acompanhar as conquistas e as dificuldades ao longo do processo.

A ludicidade ocupa uma posição importante nessa organização, pois favorece o envolvimento das crianças e transforma a reflexão sobre os sons em uma experiência mais significativa. Jogos de memória com imagens e palavras, dominós sonoros, caixas-surpresa, bingos de letras, músicas, adivinhas e brincadeiras de formação de palavras podem ser utilizados com intencionalidade pedagógica. O jogo não deve ser inserido apenas como entretenimento, mas como uma situação na qual o estudante precisa observar, comparar, decidir e utilizar seus conhecimentos linguísticos.

O uso de diferentes recursos também contribui para ampliar a acessibilidade. Letras móveis, cartões ilustrados, gestos, pistas visuais, objetos concretos e ferramentas digitais podem tornar mais clara a relação entre o som ouvido e sua representação escrita. Essas estratégias são especialmente importantes para estudantes que apresentam dificuldades de atenção, memória, comunicação ou abstração. Entretanto, o recurso somente produz resultados quando está relacionado a um objetivo definido e quando o professor acompanha a forma como a criança o utiliza durante a atividade.

As orientações do Desenho Universal para a Aprendizagem contribuem para esse planejamento ao defender a oferta de diferentes formas de representação, ação, expressão e envolvimento. Segundo Sebastián-Heredero (2020), a diversidade deve ser considerada desde a elaboração do currículo e das atividades, evitando que o professor planeje para um estudante considerado médio e realize adaptações somente após surgirem as dificuldades. Essa perspectiva favorece propostas nas quais imagens, sons, materiais manipuláveis, oralidade e escrita possam ser combinados para atender a diferentes maneiras de aprender.



Apesar das contribuições das estratégias fônicas, Aragão e Moraes (2020) alertam que a participação em um método fônico não assegura automaticamente o domínio de todas as habilidades de consciência fonêmica. Ao analisarem crianças alfabetizadas por essa abordagem, os autores encontraram bom desempenho em algumas tarefas, mas também dificuldades em atividades que exigiam análise e manipulação mais complexa dos fonemas. Esse resultado demonstra que a repetição das correspondências entre letras e sons pode ser insuficiente quando não existe reflexão, comparação e aplicação dos conhecimentos em novas situações.

Por essa razão, as estratégias fônicas precisam ser articuladas à leitura de histórias, à produção de textos, à ampliação do vocabulário e à compreensão do que se lê. O estudante deve perceber que conhecer os sons e as letras o ajuda a ler nomes, escrever mensagens, compreender livros e participar de diferentes práticas sociais. Assim, a instrução explícita e as experiências de letramento não devem ser tratadas como propostas opostas. Quando desenvolvidas de maneira integrada, podem oferecer uma alfabetização mais completa, na qual a criança compreende o funcionamento do sistema alfabético e, ao mesmo tempo, aprende a utilizar a escrita com sentido e autonomia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das produções acadêmicas e do documento curricular selecionado permitiu compreender que as estratégias fônicas podem contribuir para a alfabetização de estudantes com dificuldades de aprendizagem, mas sua eficácia depende da forma como são planejadas e desenvolvidas. Os resultados não apontam para a existência de uma atividade isolada capaz de resolver todas as dificuldades, mas evidenciam a importância de intervenções sistemáticas, diversificadas e articuladas às práticas de leitura e escrita. Os achados foram organizados em quatro eixos: consciência fonológica e apropriação do sistema alfabético; contribuições das estratégias fônicas; limites das atividades mecânicas e descontextualizadas; e condições necessárias para uma intervenção pedagógica inclusiva.

No primeiro eixo, identificou-se que o reconhecimento das letras e a capacidade de refletir sobre os sons das palavras possuem uma relação importante com o



desenvolvimento inicial da escrita. Lopes (2004) compreende a consciência fonológica como um conjunto de habilidades que envolve desde a percepção de semelhanças sonoras até a segmentação e a manipulação de sílabas e fonemas. Essa compreensão demonstra que o trabalho pedagógico não deve começar necessariamente pela análise de fonemas isolados, pois a criança pode avançar gradualmente por meio de rimas, aliteraões, palavras e sílabas.

Os resultados apresentados por Barbosa, Medeiros e Vale (2016) reforçam essa relação ao demonstrarem que a consciência fonológica e o conhecimento das letras contribuíram significativamente para explicar as diferenças encontradas nos níveis de escrita de crianças matriculadas no 1º ano. Esse achado indica que a observação dessas habilidades pode auxiliar o professor a compreender melhor as hipóteses construídas pelos estudantes e a planejar intervenções mais próximas de suas necessidades.

Entretanto, esses resultados não significam que a criança precise dominar completamente a consciência fonológica antes de começar a ler ou escrever. As habilidades se desenvolvem de maneira articulada, pois as tentativas de escrita também levam o estudante a refletir sobre os sons que compõem as palavras. Por essa razão, atividades de análise fonológica devem ser combinadas com momentos de escrita espontânea, leitura compartilhada, comparação de palavras e contato frequente com textos. Essa integração evita que a criança permaneça por longos períodos realizando apenas exercícios preparatórios, sem participar efetivamente das práticas de alfabetização.

No segundo eixo, as produções analisadas demonstraram que a instrução fônica pode ser especialmente relevante para os estudantes que não conseguem perceber espontaneamente as relações entre fonemas e grafemas. Justino e Barrera (2012) avaliaram uma intervenção direcionada a alunos com dificuldades de alfabetização e identificaram avanços em habilidades de consciência fonológica, leitura e escrita após a aplicação das atividades. Os resultados sugerem que o ensino explícito pode oferecer pistas mais claras sobre o funcionamento do sistema alfabético, reduzindo a dependência da memorização visual das palavras.

Esses achados mostram que não basta expor continuamente o estudante a livros, palavras e textos na expectativa de que ele descubra sozinho todas as regularidades da escrita. Algumas crianças necessitam de explicações mais diretas, repetição orientada e oportunidades frequentes de aplicar as relações aprendidas. Nesse sentido, identificar o som inicial de uma palavra, combinar fonemas, separar sílabas e relacionar letras aos sons



correspondentes são atividades que podem ajudar a criança a desenvolver maior autonomia durante a leitura e a produção escrita.

A Base Nacional Comum Curricular também contempla essa dimensão ao prever, para o 1º ano, habilidades relacionadas ao reconhecimento do sistema alfabético como representação dos sons da fala, à escrita de palavras com grafemas que representem fonemas e à leitura de palavras novas por meio da decodificação. Essas orientações confirmam a presença da dimensão fônica no currículo, mas não a apresentam de maneira isolada. No mesmo conjunto de aprendizagens, encontram-se a leitura compartilhada, a produção de textos, a compreensão e a participação em situações reais de uso da linguagem.

Na prática pedagógica, as estratégias fônicas podem assumir formas variadas. Jogos de identificação de sons, letras móveis, cartões com imagens, músicas, parlendas, brincadeiras de rimas e atividades de formação de palavras tornam a aprendizagem mais concreta. A criança pode, por exemplo, identificar palavras que começam com o mesmo som de seu nome, trocar o primeiro fonema para formar uma nova palavra ou localizar uma letra em um texto conhecido. Essas experiências favorecem a reflexão linguística sem transformar a alfabetização em uma sequência cansativa de repetições.

No terceiro eixo, verificou-se que as estratégias fônicas apresentam limites quando são reduzidas à pronúncia isolada de sons, à memorização de sílabas ou à leitura de listas sem significado. Aragão e Moraes (2020) analisaram o desempenho de crianças alfabetizadas por meio de um método fônico e constataram que os bons resultados em algumas tarefas não significaram domínio de todas as habilidades de consciência fonêmica. Esse resultado evidencia que a repetição sistemática não garante, por si só, que o estudante consiga refletir sobre os sons e mobilizar o conhecimento em situações diferentes.

Uma criança pode memorizar que determinada letra corresponde a um som, mas ainda encontrar dificuldades para reconhecer essa relação no interior de uma palavra, realizar substituições fonêmicas ou escrever de forma autônoma. Isso ocorre porque a aprendizagem exige compreensão e não apenas repetição. Quando as tarefas apresentam sempre a mesma estrutura, o estudante pode aprender a responder ao exercício sem compreender plenamente o princípio envolvido. Desse modo, a intervenção precisa variar as situações, solicitar comparações, propor desafios e permitir que a criança explique as estratégias utilizadas.



Outro limite observado está na tentativa de utilizar o mesmo tipo de atividade e o mesmo tempo de aprendizagem para todos. Estudantes com dificuldades podem precisar de repetições, mas repetir não significa refazer continuamente uma tarefa que não produziu compreensão. O professor precisa modificar os exemplos, acrescentar imagens, utilizar objetos, reduzir a quantidade de estímulos, dividir a atividade em etapas ou retomar habilidades anteriores. Essa flexibilidade diferencia uma intervenção inclusiva de uma prática padronizada que apenas prolonga as dificuldades.

No quarto eixo, o Desenho Universal para a Aprendizagem apresentou contribuições importantes para a organização das estratégias. Sebastián-Heredero (2020) propõe que o ensino ofereça múltiplas formas de apresentação das informações, envolvimento dos estudantes e expressão da aprendizagem. Aplicado à alfabetização, esse princípio permite que o mesmo conteúdo seja explorado por meio da fala, da escrita, de imagens, de gestos, de materiais manipuláveis e de recursos digitais.

Essa diversificação beneficia diretamente os estudantes que apresentam dificuldades de memória, atenção, percepção sonora ou abstração, mas também favorece toda a turma. Uma atividade com letras móveis, por exemplo, pode ajudar a criança que ainda não consegue registrar a palavra no caderno, ao mesmo tempo que permite aos demais estudantes experimentar diferentes combinações. Da mesma maneira, imagens podem apoiar a compreensão do vocabulário, enquanto gestos e objetos tornam os sons e as palavras mais próximos da experiência concreta.

Os resultados também evidenciaram a importância da avaliação contínua. Em vez de esperar o encerramento de uma unidade para verificar se a criança aprendeu, o professor pode observar diariamente como ela identifica sons, reconhece letras, lê palavras e registra suas hipóteses. Esses registros permitem perceber pequenos avanços que muitas vezes não aparecem em avaliações padronizadas. Também ajudam a identificar se a dificuldade está na percepção sonora, no reconhecimento gráfico, na memória, na compreensão da atividade ou na insegurança diante da tarefa.

Uma prática inclusiva, portanto, não se resume a oferecer exercícios diferenciados ao estudante que apresenta dificuldades. Ela exige acompanhamento, expectativa de aprendizagem e participação nas experiências desenvolvidas com a turma. A criança pode trabalhar com o mesmo texto, a mesma história ou o mesmo tema que os colegas, recebendo recursos e apoios específicos. Essa organização evita a criação de um ensino paralelo, no qual o estudante permanece ocupado com tarefas simplificadas, mas afastado do currículo e das interações coletivas.



A análise realizada demonstra, por fim, que as estratégias fônicas são mais produtivas quando integram uma proposta ampla de alfabetização. Seu uso pode favorecer a consciência fonológica e a compreensão das relações entre letras e sons, principalmente entre estudantes que necessitam de um ensino mais explícito. Contudo, essas estratégias precisam estar articuladas à literatura infantil, à produção escrita, à oralidade, à compreensão textual e às experiências de letramento. Assim, a prática pedagógica inclusiva não escolhe entre ensinar o sistema alfabético ou trabalhar com textos significativos; ela reúne essas dimensões para que cada criança encontre caminhos possíveis de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender que as estratégias fônicas podem contribuir de forma significativa para a alfabetização de estudantes com dificuldades de aprendizagem no 1º ano do Ensino Fundamental. Ao favorecer a percepção dos sons da fala e sua relação com as letras, essas práticas auxiliam a criança na compreensão do sistema de escrita alfabética, ampliando suas possibilidades de leitura e produção escrita. No entanto, sua utilização precisa ocorrer de forma planejada, acessível e articulada às necessidades reais dos estudantes.

Os resultados também demonstraram que o ensino fônico não deve ser desenvolvido por meio de atividades mecânicas, repetitivas ou descontextualizadas. A simples memorização de letras, sons e sílabas não garante que a criança compreenda o funcionamento da língua escrita. Por essa razão, as estratégias precisam estar integradas a brincadeiras, jogos sonoros, histórias, cantigas, produção de palavras e textos, permitindo que o estudante perceba sentido naquilo que aprende.

Outro aspecto relevante está relacionado à diversidade existente na sala de aula. As crianças não aprendem da mesma maneira nem no mesmo ritmo, sendo necessário que o professor observe continuamente as dificuldades, os avanços e as formas de participação de cada uma. Recursos visuais, letras móveis, imagens, materiais concretos, gestos e tecnologias podem ampliar o acesso às atividades, principalmente para estudantes que necessitam de maior apoio, repetição ou organização das tarefas em etapas menores.

A avaliação contínua também se mostrou essencial para orientar as intervenções pedagógicas. Por meio de observações, registros e acompanhamento das produções dos estudantes, o professor pode identificar quais habilidades já foram construídas e quais



ainda precisam ser retomadas. Esse processo permite reorganizar as atividades e evita que o aluno permaneça repetindo exercícios que não contribuem efetivamente para sua aprendizagem.

Conclui-se, portanto, que as estratégias fônicas podem integrar uma proposta inclusiva de alfabetização quando combinadas com práticas significativas de leitura, escrita, oralidade e letramento. Seu maior potencial está em tornar mais compreensíveis as relações entre sons e letras, enquanto seu principal limite aparece quando são utilizadas como única forma de ensino. Dessa maneira, cabe à escola oferecer condições para que o professor desenvolva intervenções diversificadas, respeitando os diferentes percursos de aprendizagem e garantindo a todos os estudantes oportunidades reais de participação e avanço escolar.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Silvia de Sousa Azevedo; MORAIS, Artur Gomes de. Como crianças alfabetizadas com o método fônico resolvem tarefas que avaliam a consciência fonêmica? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e223345, 2020. DOI: 10.1590/0102-4698223345.

BARBOSA, Mirna Rossi; MEDEIROS, Lidiane Batista de Oliveira; VALE, Ana Paula Simões do. Relação entre os níveis de escrita, consciência fonológica e conhecimento de letras. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 33, n. 4, p. 667-676, out./dez. 2016. DOI: 10.1590/1982-02752016000400010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 2022.

JUSTINO, Maria Inês de Souza Vitorino; BARRERA, Sylvia Domingos. Efeitos de uma intervenção na abordagem fônica em alunos com dificuldades de alfabetização. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 28, n. 4, p. 399-407, out./dez. 2012. DOI: 10.1590/S0102-37722012000400009.



LOPES, Flavia. O desenvolvimento da consciência fonológica e sua importância para o processo de alfabetização. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 241-243, jul./dez. 2004. DOI: 10.1590/S1413-85572004000200015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 26, n. 4, p. 733-768, out./dez. 2020. DOI: 10.1590/1980-54702020v26e0155.

